



Cadernos de Tradução

ISSN 1807-9873

Nº 32, jan/jun de 2013

Aristófanis: As Nuvens

Organizador

José Carlos Baracat Junior

Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 32, jan-jun, 2013, p. 1-98

UFRGS / ICSH



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Vice-Diretora: Prof^a. Maria Lucia Machado de Lorenci

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Andrei dos Santos Cunha

Prof. Gerson Roberto Neuman

Prof^a. Heloísa Monteiro Rosário

Organizador deste número:

José Carlos Baracat Junior

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica
do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/letras>

E-mail: iletraspublic@ufrgs.br

Sumário

Apresentação / 5

José C. Baracat Junior

Prefácio / 9

Stephen Halliwell

Aristóфанes, As Nuvens

Versos 1 a 152 / 13

Raphael Zillig

Versos 153 a 297 / 20

Nicoll Rosa

Versos 3, 298 a 456 / 29

Luciano Bisol

Versos 457 a 594 / 38

Cesar Lopes Gemelli

Versos 595 a 752 / 44

Bruno Ceretta Schnorr

Versos 753 a 912 / 54

Eduardo Araújo

Versos 913 a 1062 / 65

Nykolas F. Motta

Versos 1063 a 1213 / 72

André Luiz Cruz Sousa

Versos 1214 a 1352 / 79

Eduardo Laschuk

Versos 1355 a 1511 / 89

José Carlos Baracat Junior

Apresentação

O propósito de uma tradução como esta que apresentamos, publicada num periódico acadêmico como este, é antes e acima de tudo o exercício da tradução. Assim como não há um só tipo de exercício para o corpo, não há um só tipo de exercício tradutório. A especificidade do exercício praticado pelo nosso grupo foi determinada pelas dificuldades – e recompensas! – da literatura grega antiga e do aprendizado do magnífico idioma em que ela está escrita.

Nosso exercício tradutório envolve um aprendizado não apenas de um conjunto de regras gramaticais e de um vasto vocabulário, mas também um aprendizado de como e onde as infindáveis dúvidas morfológicas, semânticas e sintáticas do grego antigo podem ser minimamente solvidas. Trata-se, assim, de aprender a utilizar o vasto material de amparo de que dispomos, coisa que, ao contrário do que se possa pensar, não é simples; sequer a consulta a um bom dicionário pode ser feita sem algum conhecimento prévio da língua.

Ao encararmos um texto como as *Nuvens* de Aristófanes (c. 447-385 a.C.), além de exercitarmos esse tipo de conhecimento “banal” da língua, além de refletirmos, mesmo que de modo incipiente, sobre os problemas de estilo implicados pela tradução de textos literários (especialmente os poéticos, como é o caso aqui), nos deparamos com um exercício que não costumamos praticar no âmbito da graduação: a crítica textual. Tentar traduzir um texto antigo é dar-se conta de que, na verdade, não há um texto, ou pelo menos não há um único e monolítico texto.

Nossa concepção usual de texto não pode ser aplicada com exatidão a “textos” antigos por vários motivos; explicá-los extrapolaria os limites de uma mera apresentação. Basta dizer, todavia, que o manuscrito mais antigo que contém as *Nuvens* integralmente data de 1300 d.C. aproximadamente; ou seja, mais ou menos novecentos anos depois de a peça ter sido encenada.

Talvez seja esse o exercício novo e mais árduo para a maior parte dos integrantes de nosso grupo. Entender que por trás, ou melhor, antes dos caracteres impressos na página a ser traduzida há muitos manuscritos diferentes com lições divergentes, que foram cotejados para o estabelecimento de um “texto”; há emendas propostas por editores modernos para sanar trechos problemáticos, que encontram amparo na gramática normativa, mas não nos manuscritos; há passagens que nunca serão compreendidas e problemas que nunca serão resolvidos...

É um trabalho árduo, que provoca tanta dor e fadiga quanto “trabalhar” um músculo preguiçoso. Todavia, é preciso reconhecer que nosso trabalho é bastante prazeroso e que este, em particular, foi extremamente divertido. Aristófanes é um poeta genial, um verdadeiro inovador da linguagem (ao lado, por exemplo, de James Joyce, na opinião do filósofo americano Donald Davidson), e as *Nuven*, por sua vez, uma das suas produções mais hilariantes.

Ainda que esta não seja a primeira tradução da obra para a língua portuguesa – que conta já com as traduções de Gilda Starzinsky (1967), Junito de Souza Brandão (1976) e Custódio Magueijo (1984), pelo menos, temos que reivindicar a nossa originalidade: a nossa é a primeira a dar nome aos bois, por assim dizer. É que, na comédia antiga, todos os artifícios para provocar o riso eram empregados, entre eles a obscenidade. Normalmente, as traduções costumam purificar o linguajar aristofânico; nós, porém, nos negamos desde o princípio a cometer esse “crime” contra o autor. Isso significa que este número dos *Cadernos de Tradução* não seria livre para todos os públicos...

As pessoas que se exercitaram neste número são: André Luiz Cruz Sousa, doutorando em Filosofia e em Direito na UFRGS; Bruno Ceretta Schnorr, graduado em História pela UFRGS; Cesar Lopes Gemelli, doutorando em Literatura na Universidade de Notre Dame (EUA); Eduardo Araújo, graduando em Direito pela UFRGS; Eduardo Laschuk, professor do Departamento de Química da PUC-RS; José Carlos Baracat Junior, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS; Luciano Bisol: graduado em Letras pela UFRGS; Nicoll Rosa, graduada em História pela UFRGS; Nykolas Friedrich Von Peters Correia Motta, mestrando em Filosofia pela UFRGS; e Raphael Zillig, professor do Departamento de Filosofia da UFRGS.

Duas outras pessoas tornam este número especialíssimo. Leandro Bierhals Bezerra, responsável pela editoração deste e dos demais periódicos do Instituto de Letras, e também cartunista, nos presenteou com o trabalho da capa, uma produção original feita exclusivamente para a nossa tradução! E ainda outro presente: um prefácio assinado por Stephen Halliwell, professor da Universidade de St. Andrews (Escócia), possivelmente o maior especialista vivo em Aristófanes! Ao Leandro, que dedicou seu trabalho técnico e artístico a este *Caderno*, e ao professor Halliwell, que, em meio a inúmeros compromissos, encontrou tempo para redigir-nos um prefácio – muito obrigado!

Algumas explicações ulteriores:

- i) Nossa tradução não tem pretensão literária, mas tenta ser precisa e refletir um pouco da coloquialidade erudita de Aristófanes. As notas têm como objetivo agregar informações mínimas para a compreensão de algumas piadas e de alguns personagens da peça, assim como expor dificuldades de tradução, jogos de linguagem etc. Embora o texto original, como já mencionado, seja um poema, nós o traduzimos em prosa.
- ii) A tradução segue fielmente o texto estabelecido e editado por K. J. Dover (referências no próximo item); os números entre colchetes no corpo do texto marcam as números dos versos do poema.
- iii) Estas duas obras são citadas nas notas apenas pelo sobrenome do autor: K. J. Dover, *Aristophanes, Clouds*, Oxford, Clarendon Press, 1989 (primeira edição de 1968); e J. Henderson, *The Maculate Muse. Obscene Language in Attic Comedy*, Oxford, Oxford University Press, 1991 (primeira edição New Haven-London, Yale University Press, 1975).

Porto Alegre, abril de 2013

José Carlos Baracat Junior
Organizador